

PERCEPÇÕES DE ENFERMEIROS SOBRE A HUMANIZAÇÃO E OS CUIDADOS PALIATIVOS ÀS PESSOAS COM CÂNCER: UMA REVISÃO DE LITERATURA

ANA DIAS DO AMARAL DOS SANTOS¹; PEDRO MÁRLON MARTTER MOURA²;
TREICI MARQUES LECCE³; CRYSHNA LETÍCIA KIRCHESCH⁴; ADRIZE RUTZ
PORTO⁵

¹Universidade Federal de Pelotas - anadamara1@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - marlon_martter@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - treicilecce@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - cryslety@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – adrizeporto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O alívio do sofrimento, a compaixão pelo doente e seus familiares, o controle dos sintomas e da dor, a busca pela autonomia e pela manutenção de uma vida ativa, enquanto ela durar, são alguns dos princípios dos cuidados paliativos (BRASIL, 2009).

O cuidado paliativo está pautado num olhar humanizado, num gesto acolhedor, focado nas necessidades físicas, psicológicas, sociais e espirituais do ser humano na finitude de sua vida. Quando se trata de um paciente oncológico em sua terminalidade, é necessário que também se ofereça um sistema de suporte ao familiar. A pessoa acometida pelo câncer e sua família vivenciam essa nova experiência juntas, exigindo dos profissionais cuidados que considerem a integralidade dos indivíduos e atenção às suas necessidades.

Destaca-se que o cuidado não é algo passivo, mas um processo ativo, quando o profissional reconhece o direito do paciente de ser tratado com dignidade e respeito, valorizando sua autonomia e singularidade (BALLARIN; CARVALHO; FERIGATO, 2009).

O enfrentamento de uma doença estigmatizada pelo paciente e sua família precisa ser estimulado pelos profissionais, permitindo a verbalização e valorização dos seus sentimentos. Nesse aspecto, a comunicação terapêutica é um pilar fundamental na implementação do cuidado compartilhado, isto é, possibilitar ao paciente e familiar o diálogo com a equipe de saúde para o estabelecimento de metas que viabilizem o cuidado centrado na singularidade do paciente.

A comunicação é uma ferramenta extremamente relevante no processo de cuidar, principalmente em cuidados paliativos, no sentido de fortalecer o vínculo entre paciente, familiar e profissional (ANDRADE; COSTA; LOPES, 2013).

Diante desse aspecto, é imperativo, o conhecimento acerca da humanização do cuidado ao paciente oncológico, compreendendo suas fragilidades e a importância da participação do familiar nesse processo de cuidado. Sendo assim, tem-se como objetivo conhecer a percepção do enfermeiro sobre a humanização e os cuidados paliativos às pessoas com câncer.

2. METODOLOGIA

Tratou-se de uma revisão da literatura, em que se buscou manuscritos em julho de 2015, nas bases de dados Bireme, LILACS, MedLine, PubMed e *Scientific Electronic Library Online* (SciElo), com os descritores “humanização” AND “oncologia”. O total de artigos encontrados foi de 77.

Destes, os artigos foram selecionados, conforme os critérios: ter sido publicado nos últimos cinco anos, ser oriundo de resultados de pesquisa com enfermeiros, estar disponível na íntegra e ser de natureza qualitativa. Depois, foi realizada a leitura dos resumos dos artigos para verificar se tratavam do tema em foco da revisão de literatura.

Os artigos foram selecionados com base nos resumos e, após, os dados foram organizados e discutidos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os artigos foram selecionados com base nos critérios de inclusão e aqueles mais próximos da temática, resultando sete manuscritos.

A partir da análise dos artigos surgiram três eixos para discussão: compreensão dos enfermeiros sobre a finalidade dos cuidados paliativos e a aplicabilidade na prática, concepção de humanização do cuidado, e consciência dos enfermeiros acerca da importância da participação do familiar no tratamento do usuário com câncer.

A maioria das expressões dos enfermeiros em relação aos cuidados paliativos está atribuída a uma forma de cuidado baseada no amor, respeito, dedicação, com vistas à garantia de uma atenção minuciosa em todos os aspectos do indivíduo com câncer, não apenas no sentido físico, mas também nas esferas social, psicológica e espiritual (FERNANDES et al., 2013; FRANÇA et al., 2013; SILVA et al., 2014; DUARTE; NORO, 2010). As descrições utilizadas pelos enfermeiros inferem que o cuidado paliativo é uma forma ampliada de cuidar, pautada na valorização integral do ser humano (FERNANDES et al., 2013; DUARTE; NORO, 2010), na compreensão das aflições que o acomete, bem como na promoção do conforto e no alívio da dor e do seu sofrimento (FRANÇA et al., 2013).

No entanto, há uma parcela de enfermeiros que não tem a compreensão da integralidade do indivíduo com câncer, reproduzindo ainda uma prática de cuidados muito voltada para o modelo tecnicista, com enfoque no cuidado físico (PREARO et al., 2010). No estudo de Prearo (2010) alguns enfermeiros demonstraram preocupação com as alterações fisiológicas dos usuários com câncer, ao passo que estes relataram que a única diferença de cuidado para uma pessoa com câncer é a necessidade de atentar para o maior risco de infecção que ela está exposta, devido à baixa imunidade pelo uso de quimioterápicos. Percepções deste tipo remetem ao modelo de cuidado baseado na patologia do indivíduo e não na integralidade do ser biopsicossocial e espiritual.

No que se refere à prestação de um cuidado humanizado, houve uma ressalva dos enfermeiros à atribuição de uma prática complexa e integral, pautada na singularidade de cada indivíduo (DUARTE; NORO, 2010).

Neste sentido, alguns profissionais elencaram a comunicação terapêutica como uma fonte de dignidade necessária para estabelecer a humanização da prática de enfermagem, ao passo que, em suas descrições há a afirmativa de que a comunicação fortalece o vínculo entre os profissionais (FERNANDES, et al., 2013; SANTOS et al., 2013), possibilita uma via de comunicação de mão dupla, em que, o profissional oferece informações, mas também estabelece o silêncio terapêutico a fim de permitir ao usuário exteriorizar seus sentimentos (SANTOS et al., 2013). Ainda, alguns profissionais expuseram que a comunicação é uma forma terapêutica porque, através dela, os pacientes sentem-se acolhidos e, desta forma têm seus anseios e medos diminuídos, principalmente antes da realização de procedimentos pelos quais as pessoas com câncer estão

frequentemente expostas (SANTOS et al., 2013; FERNANDES et al., 2013). Para Fernandes (2013, p. 2593) o benefício da comunicação terapêutica está ainda em promover uma morte digna ao indivíduo em fase terminal, pois através do diálogo se estabelece uma relação de confiança entre profissional e paciente, promovendo a capacidade de enfrentamento deste para a morte.

Em outro estudo, além dos encontrados na busca, foi pontuado que o cuidado é o alicerce para as relações entre enfermeiro e paciente que, porventura deve estar associado à prática de comunicar-se, constituindo-se a comunicação um importante modelo humanizador, que objetiva reconhecer o paciente como sujeito do cuidado e não passivo a ele (BROCA; FERREIRA, 2012).

Em relação ao apoio familiar como forma de propor um cuidado humanizado e de qualidade, os enfermeiros participantes das pesquisas dos artigos, consideram relevante a participação destes atores para a consolidação de um modelo humanizado de atenção (DUARTE; NORO, 2010; FERNANDES et al., 2013; SANTOS et al., 2013; SILVA et al., 2014). De acordo com Noro (2010), quando o profissional acolhe e envolve a família no cuidado do indivíduo, garante conforto e segurança para este e, desta forma, a prática da assistência de enfermagem contempla aspectos mais humanizados, pois implica ações nas várias necessidades do indivíduo e sua família. Neste aspecto, no estudo de Fernandes (2013), os enfermeiros expressaram que a interdisciplinaridade da equipe de saúde é um fator de extrema importância para apoiar os familiares em processo de luto.

A compreensão positiva dos enfermeiros em relação a atenção ao familiar do indivíduo com câncer, bem como a participação desta no cuidado do mesmo nas diversas fases da doença e tratamento, é uma condição facilitadora para um bom enfrentamento da doença entre os familiares e o paciente (MELO et al., 2012). Desta forma, entende-se que incluir os familiares no cuidado ao indivíduo com câncer, bem como estabelecer uma relação de diálogo transparente e informativa com estes consolida-se uma ferramenta fundamental para a prática do enfermeiro em ambientes oncológicos.

4. CONCLUSÕES

As convicções dos enfermeiros acerca dos cuidados paliativos ainda são muito amplas e subjetivas. Todavia, estes descrevem aspectos importantes da abordagem como, por exemplo, a clínica ampliada, em que o indivíduo deve ser visto sob as mais diversas facetas que o envolve, predominando a sua integralidade.

A comunicação é fundamental para as relações interpessoais, tornando-se a base para a relação terapêutica-humanizadora do cuidado de enfermagem na oncologia. Nisto, consolida-se a necessidade de estabelecer-se um espaço aberto de diálogos entre enfermeiro e paciente.

Outra consideração levantada pelos enfermeiros foi a participação familiar, como modo de propor um cuidado humanizado para os indivíduos em fase terminal. O fato de estes profissionais evidenciarem tal aspecto é positivo para o oferecimento de uma assistência de enfermagem integral e humanizada aos indivíduos com câncer e também aos seus familiares.

Diante dos resultados obtidos com essa revisão de literatura, surge a necessidade de os temas serem mais discutidos em todos os espaços em que estão os profissionais da saúde, principalmente os enfermeiros, isto é, no ambiente acadêmico, político, social e institucional.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, G.C; COSTA, S.F.G; LOPES, M.D.L. Cuidados paliativos: a comunicação como estratégia de cuidado para o paciente em fase terminal. **Ciência e Saúde coletiva**, João Pessoa, v.18,n.9,p.2523-2530, 2013.

BALLARIN, M.L.G.S; CARVALHO, F.B; FERIGATO, S.H. Os diferentes sentidos do cuidado: considerações sobre a atenção em saúde mental. **Mundo Saúde**, São Paulo, v.33,n.2;p.218-224, 2009.

BRASIL. **Academia Nacional de Cuidados Paliativos- ANCP**. O que são cuidados paliativos 2009. Acessado em: 18 jul. 2015. Online. Disponível em: <http://www.paliativo.org.br/ancp.php?p=oqueeecuidados>.

BROCA, P.V.; FERREIRA, M.A. Equipe de enfermagem e comunicação: contribuições para o cuidado de enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v.65, n.1, p.97-103, 2012.

DUARTE, M.L.C.; NORO, A. Humanization: a reading from the understanding of nursing professionals. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v.31, n.4, p.685-692, 2010.

FERNANDES, M.A. et al. Percepção os enfermeiros sobre o significado dos cuidados paliativos em pacientes com câncer terminal. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.18, n.9, p.2589-2596, 2013.

FRANÇA, J.R.F.S. et al. Cuidados paliativos à criança com câncer. **Revista de Enfermagem da UERJ**, Rio de Janeiro, v.21, n.2, p.779-784, 2013.

MELO, M.C.D. et al. O funcionamento familiar do paciente com câncer. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v.18, n.1, p.73-89, 2012.

PREARO, C. et al. Percepção do enfermeiro sobre o cuidado prestado aos pacientes portadores de neoplasia. **Arquivos Ciência & Saúde**, v.18, n.1, p.20-27, 2011.

SANTOS, R.M. et al. Desvelando o cuidado humanizado: percepções de enfermeiros em oncologia pediátrica. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v.22, n.3, p.646-653, 2013.

SILVA, W.C.B.P. et al. Nursing team perception of oncological palliative care: a phenomenological study. **Brazilian Journal Nursing**, v.13, n.1, p.72-81, 2014.